



## LINGUAGENS LITERÁRIAS D'ÁFRICAS EM DIÁSPORA: VIAGENS e TRAVESSIAS INFANTES

*LITERARY LANGUAGES OF AFRICA IN DIASPORA: CHILDREN'S  
TRAVELS AND CROSSINGS*

*LENGUAS LITERARIAS DE LAS ÁFRICAS EN DIÁSPORA: VIAJES Y  
TRAVESÍAS INFANTILES*

Maria Anória de Jesus Oliveira<sup>1</sup>

Tânia M. de Lima<sup>2</sup>

### RESUMO:

Este texto-viagem resulta de nossos “escrevivenciamentos”, de nossas paragens e de certas indagações em torno das literaturas que trazem à cena o protagonismo negro nas obras editadas em terras de cá, o Brasil, e em territórios de lá, Moçambique. Buscamos, nessas travessias, destacar a relevância das literaturas africanas e afro-brasileira, levando-se em conta a contribuição da autoria negra em algumas produções literárias do mercado editorial brasileiro e moçambicano. Para tanto, partimos da pesquisa bibliográfica através de estudos empreendidos nos respectivos campos de conhecimento. Trata-se, na realidade, de uma viagem-reflexão que traz à cena nossa percepção em face de tais personagens para, a partir deles, nos provocar a redimensionar o lado peralta de uma escrita infante, sílabas miúdas da criança e/ou do jovem que fomos um dia. Este trabalho é uma viagem ao imaginário das coisas indizíveis, capaz de encontrar espanto na (ir) realidade breve e aberta às coisas do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infante-juvenil, Moçambique, diáspora.

### ABSTRACT:

*This travel-text results from our experiences, from our stops and from certain inquiries about the literatures that bring to the scene the protagonism of black authors in the works published in the lands of here, Brazil, and in the territories of there, Mozambique. In these crossings, we seek to highlight the relevance of African and Afro-Brazilian literatures, considering the contribution of black authorship in some literary productions from the Brazilian and Mozambican publishing markets. For this, we started from a bibliographic research through studies undertaken in the respective fields of knowledge. It is, in reality, a reflection-trip that brings to the scene our perception in the face of such characters to, from them, provoke us to resize the playful side of an infant writing, small syllables of the child and / or the young person who we were one day. This work is a trip to the imaginary of unspeakable things, capable of finding awe in the brief and open to the things of the world (un)reality.*

**KEYWORDS:** Children's and youth literature, Mozambique, diaspora.

1 Docente da UNEB/Pós-Crítica. E-mail: [anoria.oliveira@hotmail.com](mailto:anoria.oliveira@hotmail.com)

2 Docente da UFRN/ProfArtes UDESC. E-mail: [tanielimapoesia@yahoo.com.br](mailto:tanielimapoesia@yahoo.com.br)



**RESUMEN:**

*Este texto-viaje resulta de nuestros registros, de nuestras paradas y de ciertas indagaciones sobre las literaturas que traen a escena el protagonismo de las/los autoras/es negras/os en las obras publicadas en las tierras de aquí, Brasil, y en territorios de allá, Mozambique. En estos cruces, buscamos resaltar la relevancia de las literaturas africanas y afrobrasileñas, considerando la contribución de la autoría negra en algunas producciones literarias del mercado editorial brasileño y mozambiqueño. Para ello, partimos de la investigación bibliográfica a través de estudios realizados en los respectivos campos de conocimiento. Se trata, en realidad, de un viaje de reflexión que trae a escena nuestra percepción ante dichos personajes para, a partir de ellos, hacernos redimensionar el lado juguetón de una escritura infantil, pequeñas sílabas del niño y / o del joven que fuimos un día. Esta obra es un viaje al imaginario de las cosas indecibles, capaz de encontrar asombro en la (i)realidad breve y abierta a las cosas del mundo.*

**PALABRAS CLAVE:** *Literatura infantil y juvenil, Mozambique, diáspora.*

Talvez porque na vida é como uma viagem e o mundo, afinal, é preciso inventá-lo, caso contrário é igual por toda a parte... talvez porque há viajantes que nos revelam mais sobre certas paragens do que todas as viagens que porventura lá tenhamos feito...[...] (CARVALHO, 2008, p. 121-122)<sup>3</sup>

**Áfricas, Atlas, Viagens**

As ideias, em forma de “pensamentações”, são tessituras que comungam reflexões que se entrelaçam a partir de leituras-viagens, em face do desejo de nos reaproximarmos das terras ancestrais africanas. Essa viagem ao território ancestral africano é como bússola de percepções, canoagem à procura de algum registro de antepassados, quando muitos dos nossos, a despeito das resistências, foram sequestrados, torturados, dizimados e deles crescemos apartados, como é possível imaginar através da voz de um ancião no documentário intitulado *Atlântico Negro: na rota dos Orixás*<sup>4</sup>. Em terras ancestrais, delas e deles todos, descendemos. Somos, assim, filhos e filhas das Áfricas.

Na travessia da memória, de quais países do continente africano partiram as vozes da oralidade, antes de darem a volta ao redor das árvores do esquecimento e sobreviverem aos tumbeiros, enquanto *malungos*<sup>5</sup> da diáspora?

3 Texto publicado em 2008 (cf. Referências), lido em 2001 em Póvoa do Varzim e lido, também, no 53 ° Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em dezembro de 2020 .

4 O documentário se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V1OqdhQItrI> Acesso 02/04/2021.

5 Veja-se o texto “Das alianças entre malungos, de Gorée a Salvador, resistimos”, da socióloga Vima Reis (2005, p. 105 a 118).

O que nós, filhas e filhos das Áfricas, apreendemos? O que nos foi repassado e o que necessitamos aprender em nossas lutas históricas, ou mesmo através da produção do conhecimento, quando ressignificamos certas visões acerca dos espaços sociais africanos que seguem preteridos no Brasil? Afinal, não podemos ignorar as palavras da pesquisadora Rosilda Alves Bezerra<sup>6</sup> e Carlos Negreiro (2020, p. 163) quando advertem: “O discurso é também um dispositivo de dominação, é ele que legitima a situação do ‘outro’ naquilo que nomeia.” Se olharmos atentamente, o discurso-dominação representa o que prevaleceu na produção do conhecimento, nas imagens ilustradas e nas narrativas enredadas, publicadas na Europa, nas Américas e no Brasil, retroalimentando o racismo epistêmico (LIMA & SILVA, 2018).

A mudança de conjectura no território brasileiro somente ocorreu a partir da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996) que, em sintonia com a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003), como enfocaremos mais adiante, abriu caminhos para a inclusão da história e das culturas afro-brasileiras e africanas na educação básica. Desde então, podemos dizer que outras Áfricas começam a ganhar certa visibilidade e a demarcar presença nos livros.

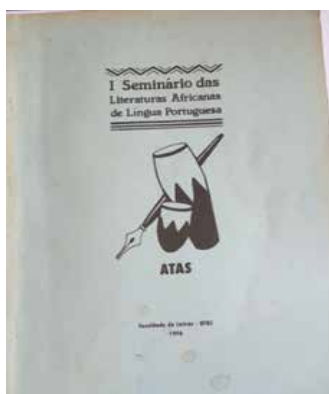
De tais conquistas, as Áfricas tornam-se objeto de consumo no mercado editorial e surge a necessidade de investirmos em obras que não as restrinjam a visões estereotipadas; assim, ganham mais impacto em nossas pesquisas. Um recorte desses estudos é o que partilhamos na presente explanação. No escopo delimitado, destacamos alguns livros editados em Moçambique e no Brasil. De Moçambique selecionamos: 1) *O menino Octávio*, de Calisto Atanásio e Neves (2003) e 2) *Os gêmeos e os raptos de crianças*, de Machado da Graça (2007). Das obras brasileiras, escolhemos as seguintes narrativas: 3) *Entremeio sem babado*, de Patrícias Santana (2007); 4) *O espelho dourado*, de Heloisa Pires Lima (2003). Vale destacar o valor dessas duas últimas obras brasileiras infanto-juvenis, por fazerem menção a espaços sociais africanos.

O que objetivamos é identificar em que sentido certos elos comparados emergem nas narrativas da África e do Brasil; partirmos de uma visão infante de que as Áfricas despertam um sonho nas matérias orais dos contadores. Entendemos, portanto, que é necessário mudar o ponto de observação, ao considerarmos o mundo sob uma ótica capaz de costurar o encanto nas coisas fugidias do cotidiano.

---

6 A quem dedicamos este texto, uma publicação que contaria com a sua parceria no processo de (re) estruturação e expansão das nossas reflexões. Mas, infelizmente, a Estrela partiu para o Orum, ao ter os frágeis fios da vida abreviados pelo Covid-19. Uma perda inexprimível para todas (os) nós que tivemos a alegria de, em sua sensível, delicada e competente companhia, aprender e partilhar conhecimentos, emoção e muitas alegrias. De sua viagem, profundo vazio. De suas travessias, poesias inesquecíveis. Profª. Dra. Rosilda Alves Bezerra (UEPB), nossas breves palavras jamais conseguirão exprimir sua arte de viver, amar e se deixar ficar. Também dedicamos este texto, à sua sobrinha, Gabriela, que, poucos dias após, teve a vida abreviada e seguiu aos braços da tia-mãe, Rosilda. Esta nossa singela homenagem se estende às demais pessoas que tiveram a vida ceifada pelas correntes asfixiantes da necropolítica instalada no cenário social brasileiro e em outras partes do mundo: *Kabiessliê!*

Alguns espaços<sup>7</sup> sociais africanos são apreendidos por linguagens literárias e por diversas artes visuais, musicais etc. Os estudos africanos foram (e continuam) sendo preteridos em nossas instituições educacionais, como explicitam estudiosos da área em pesquisas antigas, a exemplo de uma criteriosa publicação, a saber: *Atas do I Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (SECCO, 1996), evento realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1994, que envolveu uma plêiade de pesquisadoras (es) da área que discutiram assuntos pertinentes aos estudos africanos nas Universidades brasileiras.



**Figura 1:** *Atas do I Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*  
(Fonte: foto tirada pelas autoras deste artigo)

Do ‘Atlas’ às Áfricas na posterioridade, as lutas se acirram, a despeito das conquistas legais e de seu marco em curso, a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003) e, por consequência, a alteração da nossa LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996), um assunto muito familiar para quem tem se dedicado à sua implementação no chão das escolas, nas salas de aulas. Adentrar as trilhas dessa história nos levaria a outras viagens, as quais muito nos distanciariam das travessias desenhadas para essa explanação.<sup>8</sup> Como nossos propósitos visam às literaturas destinadas às crianças e aos jovens, através dessas produções, buscaremos identificar possíveis aproximações e/ou diferenças entre as obras delimitadas.

Do roteiro traçado, em um primeiro momento, destacamos a relevância dessas literaturas, não só para os destinatários, como também por reconhecermos que incluem obras importantes para leitores adultos. Em outras palavras, não se trata de uma literatura que estaria aquém às demais obras, como evidenciamos em outros estudos na área (OLIVEIRA, 2010).

<sup>7</sup> Espaço, aqui, é entendido sob o viés de Osman Lins (1976), ou seja, “o espaço, no romance, tem sido ... tudo que, intencionalmente disposto, enquadra tudo, inclusive, a personagem”.

<sup>8</sup> Dentre vastas publicações dentro desse recorte, das mais recentes, indicamos a leitura dos textos constantes das seguintes publicações: v. 10, n. 19 (2018): A Lei 10.639/2003 em diálogo com as Literaturas Africanas (Revista *Mulemba*), disponível em: [https://revistas.ufrj.br/index\\_php/mulemba/issue/archive](https://revistas.ufrj.br/index_php/mulemba/issue/archive) Acesso em 22/02/2021.

Também indicamos outra produção mais abrangente, que não se circunscreve ao campo das literaturas. Contudo, apresenta importantes orientações e reflexões referentes à educação para as relações étnico-raciais, um livro da extinta SECAD: *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_etnicoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf) Acesso em 12/03/2021.

Assim como diversos escritores angolanos que abrem trilhas do nosso caminhar, nos inspiramos e, nessa linha sensível e indagativa, nos propusemos a socializar um pouco das nossas aprendizagens em uma área ainda bastante esquecida das pesquisas acadêmicas, mas, para nós, em especial, experimentos importantes ao alcance de novas aprendizagens. Entre pesquisas preteridas e pesquisas preferidas, optamos pelo campo literário de uma efetiva inclusão social, por uma investigação cultural com posicionamentos e questionamentos, levando em conta que vivemos em um país, cuja insistência em mirar as lentes de contato em fontes eurocêntricas é notória, em detrimento da valorização de linguagens advindas literariamente das margens, a exemplo das literaturas africanas e negras/afro-brasileiras.

Nessa travessia pelas literaturas africanas e afro-brasileiras, o esforço é de uma reflexão mais sensível e menos objetiva nos diversos campos do saber, uma crítica que se propõe a dar outro sentido ao que está enraizado no tecido da linguagem teórica. Por esse percurso, acolhe-se o tom da bravura e da delicadeza, recolhem-se as palavras pelo que há nelas de diversidade. Para seguir a cartografia da diáspora África-América-Europa, como bem descreve Mia Couto (2009, p. 184): “A viagem obriga-nos a sermos outros, a descentrarmo-nos, a deslocarmo-nos para fora de nós.”

O ‘deslocarmo-nos para fora de nós’ é uma das benéficas da arte literária, quando observamos, na crítica literária de um Antonio Cândido, o direito à literatura. Contudo, ao fazermos coro à voz do renomado crítico, propomos também viagens não só aos textos canônicos, basilares em nossos currículos, como também pleiteamos outros itinerários às Áfricas em diásporas, atlânticos livres, direito à Educação, pois, se não pensarmos em tais direitos, não teremos como reivindicar uma efetiva consciência crítica, política e histórica.

O direito à consciência histórica está na vivência e na leitura das mais diversas árvores do conhecimento. O direito à consciência crítica e política está no desvelamento do passado como Estado opressor que, em nome do capital e da política da morte, matou, torturou, explorou, dizimou todos aqueles que lutaram pelo direito de ser diferentes. Nessa “em-cruz-ilhada” teórica, reconfigura-se no presente, a partir do ‘biopoder’, da ‘necropolítica’, do ‘epistemicídio’<sup>9</sup> que, nas palavras de estudiosos da atualidade, se desdobram no ‘racismo epistêmico’, o genocídio das massas, até chegarmos à destruição de conhecimentos produzidos pelos grupos sociais marginalizados historicamente. Vivemos tempos de abismo e absurdidade, quando a maldade se apresenta na teia do capitalismo, em meio a um vírus tão pandemônico, que só podemos compará-lo a campos de concentração a céu aberto, dentro de ônibus e metrô.

---

<sup>9</sup> Sobre os termos aqui pautados e já muito discutidos, nos apoiamos em Boaventura Souza Santos (2010) e Achille Mbembe (2018).

## Literatura Infanto-juvenil no Brasil: as Margens e Negras Personagens

Da exposição mais ampla em torno do contexto social no qual nos encontramos, passamos a focalizar o campo da literatura destinada às crianças e aos jovens a partir de então. Na sequência, as relações étnico-raciais no mundo ocidental, o impacto dessas relações em nossas produções.

A literatura infanto-juvenil é um campo complexo que perpassa as mais diversas áreas do conhecimento (Educação, Literatura, Cinema, Psicanálise, grafites em murais, por exemplo), sendo a sua origem atrelada à pedagogia, principalmente e, só nos últimos anos, começamos a contar com pesquisas procedentes do campo da literatura, que vêm privilegiando a tessitura textual, como é bem reconhecida por Regina Zilberman e Lígia Cademartori Magalhães (1982). Trata-se, no entanto, de uma área ainda marginalizada e, para alguns, considerada como subliteratura. Carecemos, por isso mesmo, de mais estudos centrados em um tipo de linguagem rica e polissêmica, sinalizada através do mundo imagético, partilha do poético e das ilustrações (HUNT, 2010).

Embora oriunda das camadas populares, a consolidação e difusão mercadológica tem como marco os contos de fada, sendo que, em tais contos, as personagens negras praticamente inexistem e, quando delineadas, simbolizam as forças do mal. A cristalização desse viés preponderante, sabemos, trouxe prejuízos imensuráveis ao nosso imaginário social e, nos dias atuais, estamos, ainda, com o desafio de viabilizar outros olhares que atendam à diversidade étnico-racial, sem reduzi-la meramente ao viés eurocêntrico.

A literatura infantil e/ou juvenil, como produção livresca, no mundo ocidental, remonta ao final do século XVII (França), com Charles Perrault, sendo sua difusão maior a partir das obras compiladas das tradições populares no século XIX, na Alemanha, pelos famosos irmãos Grimm (Jacob Ludwig e Wilhelm), sob o viés das camadas burguesas, com a finalidade educativa dos filhos das classes favorecidas economicamente. Dentre os sete volumes da coleção dos aludidos irmãos, encontramos apenas dois contos contendo personagens negras. São elas: *‘A noiva branca e a noiva preta’* e *‘As três princesas pretas’*<sup>10</sup>, as quais simbolizam as forças do mal, diferentemente das protagonistas brancas, que desempenharam um papel principal, representando as forças do bem nos respectivos contos e nas demais obras dos referidos irmãos Jacob e Wilhelm.

A literatura destinada aos adultos, às crianças, aos jovens, vem demarcando um ‘lugar’ inferiorizado, face ao segmento negro, salvo raras exceções, por reiterar preconceitos e

---

10 Grimm (vol 4, s/d).

estereótipos étnico-raciais. Diante dessa percepção, David Brookshaw (1983, p. 13) assevera que: “O modo como o branco vê o negro, portanto, foi moldado desde a infância pelas histórias em que a negritude era associada ao mal e os que faziam mal eram negros.” O reverso desse prisma vem se alterando aos poucos e, na atualidade, podemos encontrar livros menos susceptíveis ao racismo no mercado livresco, muito embora sejam desconhecidos de boa parte das educadoras.

Em sintonia com a complexidade que envolve as relações étnico-raciais<sup>11</sup>, a promulgação de uma Lei Federal que prima pela valorização e ressignificação da história e cultura afro-brasileira em todas as áreas, incluindo e destacando entre essas, o campo da literatura, é de extrema relevância social o redimensionamento do olhar da crítica literária em relação a tais produções.

As personagens negras, na trajetória histórica da literatura destinada às crianças e jovens, são recentes, em papéis principais, o que vem acontecendo mais a partir dos anos 1990. A questão crucial é que, durante longo tempo de nossa produção, os leitores contaram com personagens meramente brancos, seja como protagonistas, seja como antagonistas. Nos contos de fada, as personagens são brancas e expressam o universo das camadas socioeconômicas altas, como evidencia Sônia Salomão Khéde (1990) e Fany Abramovich (1990). As histórias apresentam o universo de reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas-madrinhas e bruxas, as vilãs, em uma sociedade estratificada.

As nossas produções literárias, por muito tempo, se restringiram à reedição de tais contos no século XIX, início do século XX, mas, com o advento da produção de Monteiro Lobato, o marco, segundo Nelly Novaes Coelho (1993), que subdivide nossa literatura infanto-juvenil com base no *antes* e no *após* Lobato, tal contexto se alterou. Então, embora reconhecendo a importância da obra de Lobato, o seu papel de difusor da leitura literária em nosso país, não podemos esquecer que, em sua produção, muito se reforça a discriminação racial através das personagens (OLIVEIRA, 2003).

Não obstante, na década de 1990, após longos processos de denúncias e proposições dos movimentos negros e demais aliados, abrem-se novas perspectivas, pelo menos oficialmente. Um exemplo disso é o fato de o governo brasileiro reconhecer a persistência do racismo no país. Para Rosemberg (2008, p 79), tal fato decorre da influência das pesquisas acadêmicas realizadas a partir de 1950, resultando em impactos também internacionais após Durban (2002), quando o Brasil selou acordos e compromissos com vistas a implementar ações plausíveis no enfrentamento do racismo, em suas multifacetadas formas estruturantes, nas relações sociais brasileiras.

---

11 Entendam-se as relações entre negros e brancos, ou quem assim se reconhecer, conforme explica Nilma Lino Gomes (2005)

A despeito da tendência de se reiterar preconceitos étnico-raciais através das personagens, a produção literária destinada às crianças, assim como as demais artes, não ficou parada no tempo, alterando-se a partir das mudanças socioculturais e políticas. Uma dessas mudanças resulta da alteração da LDB 934/96 (BRASIL, 1996), pela Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), a qual resultou em mais produções contendo personagens negras no mercado livresco. Diante dessa medida, os referidos seres ficcionais ascenderam a papéis principais, também, de protagonistas, conforme evidenciado nas pesquisas acadêmicas de Venâncio (2009), Oliveira (2010) e no artigo de Jovino (2006).

### Contornos d'Áfricas em Travessias

Em sintonia com o pensar de **Tânia Padilha** (2009), entendemos ser esse um dos nossos desafios: contribuir para a 'reversão da opacidade', dos estereótipos negativos que distorceram os contornos das histórias projetadas nos espelhos narcísicos eurocêntricos. Por essas vias, será possível recompor as voltas às árvores do esquecimento na esfera do saber e do poder. Seguiremos, nessa dimensão, as trilhas dos *adinkras sankofa* (NASCIMENTO, 2019), no que diz respeito à ação de voltar e apanhar o que é nosso.

De volta às origens, das viagens a Moçambique e a algumas das produções literárias, nas quais identificamos distintas Áfricas, que vêm descritas nas páginas dos livros editados no período pós-independência, o que segue é apenas um pequeno recorte do resultado obtido. Quanto à contextualização histórica e à articulação teórica, essas poderão ser encontradas por meio das devidas articulações com outras fontes a serem mencionadas no decorrer das nossas travessias. Atravessaremos, a seguir, a contextualização mais geral em termos dessas produções. Depois, abordaremos os diálogos entre as Áfricas e a diáspora.

Das produções moçambicanas destinadas às crianças e aos jovens, foram constatados, anteriormente à mudança, avanços e recuos em se tratando de publicações na área, de modo que computamos: 1) em 1979 = 4 livros; 2) em 1980 = 16 livros; 3) em 1981 = 10 livros; 4) de 1987 a 1990, houve um declínio por causa da guerra. Assim sendo, só a partir de 1990, pode-se compreender que se iniciou o 'renascimento da literatura infantil', devido às 'novas iniciativas' na área (OLIVEIRA, 2009).

O 'renascimento' da literatura infanto-juvenil moçambicana acontece, de fato, no período da pós-independência, a partir de 1990, sob a tutela de importantes órgãos locais e apoiado por renomadas instituições internacionais. A despeito disso, as escassas obras não circulam no mercado editorial, em decorrência da falta de maiores investimentos "por parte dos órgãos públicos e privados, da região" (OLIVEIRA, 2010, p. 169-170).





**Figuras 2 e 3:** registro imagético de capas coloridas de livros infanto-juvenis, a partir do acervo da Associação Progresso (Fonte: fotos tiradas pelas autoras em Maputo, em 2009)

Em decorrência de tudo isso, deparamo-nos com o que denominamos de mosaico literário, do qual emergem protagonistas negros em espaços sociais distintos nas províncias do país, sejam situados na zona rural, sejam na zona urbana. Quando estivemos em Moçambique, realizamos o registro imagético de capas coloridas de livros infanto-juvenis, a partir do acervo da Associação Progresso (figuras 2 e 3).

Para nós, brasileiras(os), acostumadas(os) aos protagonismos brancos nas páginas de livros publicados no Brasil, a tendência é ocorrer uma espécie de estranhamento diante da inversão de óticas. Para nós, afro-brasileiras(os), e para os escritores africanos em geral, a sensação de encantamento coaduna-se com as palavras de Alberto da Barca, quando nos diz:

Se, por um lado, no caso do Brasil, ainda se está à procura de um espaço para as personagens negras na vasta literatura infanto-juvenil, nosso contexto é outro, estamos à procura de um espaço para a literatura infantil como forma de expressão literária [...].<sup>12</sup>

Concordamos com o autor que foi, inclusive, um dos pioneiros na área, ao lado de Angelina Neves, como podemos constatar em estudos precedentes (OLIVEIRA, 2010; 2014), visto que suas obras, à época, eram dirigidas a um público a quem se desejava ensinar, informar, educar, instruir. Em tal conjuntura, grande parte dessa literatura outrora pesquisada, reiteramos, se aproximava de um viés ‘adultocêntrico’, se entendida à luz de Zilberman (1982), o que não quer dizer que seguem a mesma tendência atualmente.

12 Alberto da Barca é um dos fundadores da Literatura Infantil moçambicana, nos anos 1980. A citação foi retirada de sua fala durante um evento realizado na Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), no dia 07/08/2009, intitulado: *Literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana contemporânea: problemas e perspectivas*. Nesse evento, versaram sobre sua produção os seguintes escritores: Angelina Neves, Rogério Manjate, Mário Lemos e o referido escritor Alberto da Barca.

Em relação à arte de tecer “outras estórias a partir da oratura africana”, a pesquisadora Carmen Lucia Tindó Secco (2007, p. 9) constata que:

Fabular, contar casos, reinventar *missossos* e outras estórias da oratura africana, recriar tradições por intermédio de modernas estórias está na alma de diversos escritores angolanos e moçambicanos que, principalmente depois da independência, começam a publicar textos dirigidos a crianças e jovens.

Carmen Secco (*op. cit.*) destacou, também, a carência de estudos na área, em nosso país, o que endossamos, pois, embora enumerando uma tese de doutorado na área em questão (OLIVEIRA, 2010), esta resultou de pesquisas empreendidas há quase doze anos, se levarmos em conta o transcorrer do tempo, de 2009 aos dias atuais (2021). Se repensarmos o passado para entendermos o presente, reconheceremos o mínimo que o Brasil tem investido nessas produções científicas, levando em conta que os ‘contos tradicionais africanos’ e os ‘textos da literatura infanto-juvenil de Angola e Moçambique, até agora’, têm sido “pouco estudados nos meios acadêmicos literários brasileiros” (SECCO, 2007, p. 9).

Por outro lado, quando se observam as temáticas recorrentes nas produções estudadas anteriormente, publicadas em Moçambique entre 2003 e 2007, identificamos: personagens/protagonistas em contextos de conflitos sociais, a exemplo da guerra, da SIDA, na condição de órfãos, mas acolhidos no mundo adulto e inseridos em novos enlances e núcleos familiares. Prevaleram, ainda, contos tradicionais, lendas, fábulas, recorrendo-se aos recursos “fantásticos” e maravilhosos (TODOROV, 1992).<sup>13</sup> Nessa linha, a humanização de seres inanimados em alguns textos<sup>14</sup>, desvelando-se carências, desejos, receios, angústias e anseios das personagens. Um exemplo, o conto *O menino Otávio*, da autoria de Calisto Atanásio, adaptação de Angelina Neves e Hermenegildo Ciriaco (2003), publicado na coletânea *Contos de Niassa II*, uma das obras premiadas no concurso promovido pela Associação Progresso, em 2002, em que a voz condutora da narrativa é testemunha da tragédia anunciada: “Octávio só conheceu os avós através das histórias que a mãe contava. Eles tinham morrido, porque a guerra passou na sua aldeia, que foi incendiada e destruída” (ATANÁSIO; NEVES; CIRIACO, 2003, p. 7).

A guerra, entre perspectivas absurdas e abismais, é tema central da narrativa. A partir dos destroços da guerra se observa o universo caótico da personagem. Em outras palavras, a obra traz à cena uma criança que vivencia perdas bruscas, registro de orfandade, mas que, ao longo da narrativa, tenta reconstruir a própria vida. E a guerra, sabemos, é um tema recorrente que trespassou diversas obras literárias moçambicanas destinadas, também, ao público adulto e representa uma espécie de marco principal da literatura angolana.<sup>15</sup> Na aludida narrativa moçambicana, de acordo com o

13 Referimo-nos ao encantado mundo em que a fantasia e a realidade se fundem dinamicamente (TODOROV, 1992).

14 Essa é uma herança dos contos tradicionais, das lendas que permeiam os textos contemporâneos. Alguns destes são de autoria de Angelina Neves, Alberto da Barca e Rogério Manjate.

15 Oliveira (2016). Em *Ngunga*, de Pepetela (1973), uma das obras pioneiras angolanas, esse é o contexto social do protagonista.

nosso recorte, há uma crítica corrosiva à guerra, que não deixa de simbolizar a ‘força opositora’<sup>16</sup> que altera a trajetória da personagem, seus embates, tristeza e resiliência na arte de se reestruturar.

Em suma, como se pode observar até aqui, há, sobretudo, um registro das problematizações sociais denunciadas pelas produções literárias moçambicanas no pós-independência. Em se tratando de um tema importante para se entender a literatura infanto-juvenil, em específico, a pesquisadora Aline Van Der Schmidt (2013) afirma que: “No caso dos países africanos de língua portuguesa, a guerra, em diferentes graus, fará parte da vida das pessoas, e isso se refletirá na literatura, de maneira mais ou menos marcante, inclusive na destinada às crianças” (SCHMIDT, 2013, p. 50).

Em tempos equidistantes, nos idos de 2009, os escritores de literatura infanto-juvenil moçambicanos se reuniram em uma roda de conversa (OLIVEIRA, 2010), dentre os quais se encontravam Angelina Neves, Alberto da Barca, Rogério Manjate e Mário Lemos. Na referida conversa, buscava-se entender a contextualização acerca do racismo no Brasil e o seu impacto nas produções literárias (OLIVEIRA, 2010).<sup>17</sup> Saltou aos nossos olhos a surpresa dos escritores diante das diferenças entre a conjuntura social deles e a nossa a esse respeito, visto que nas obras editadas em Moçambique as personagens são, massivamente, negras. Segundo Alberto Barca, o que lhes faltam, na realidade, é espaço para a literatura infanto-juvenil como arte e não personagens-protagonistas negras nas obras literárias. Em contraponto, o escritor constatou que, no Brasil, o que falta é o investimento em personagens negras destituídas de visões negativas e inferiorizadas.

De 2010 aos dias atuais, infelizmente, os investimentos no objeto livro literário e sua difusão em Moçambique, conforme foi evidenciado em uma entrevista recente concedida à pesquisadora Eliane Debus (2018, p. 189), reitera-se que “a literatura para crianças e jovens quase sempre foi marginalizada, sempre foi uma manifestação isolada, limitada, à parte.”<sup>18</sup>

A escritora Angelina Neves, por sua vez, em uma entrevista que nos concedeu em Moçambique, há alguns anos, registra: “O que é realmente necessário é haver muitos livros de todos os gêneros, em todos os locais de aprendizagem para que cada um possa escolher e encontrar o que mais lhe agrada.” (OLIVEIRA, 2010).

No que se refere às constatações anteriores de Alberto da Barca, observamos que as obras moçambicanas **não abrangem** questões voltadas para as relações étnico-raciais, visto

---

16 Veja-se Vladimir Propp (1984). As categorias analíticas desse teórico russo se encontram mais aprofundadas em Áfricas e diásporas na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (OLIVEIRA, 2014).

17 Oliveira (2010).

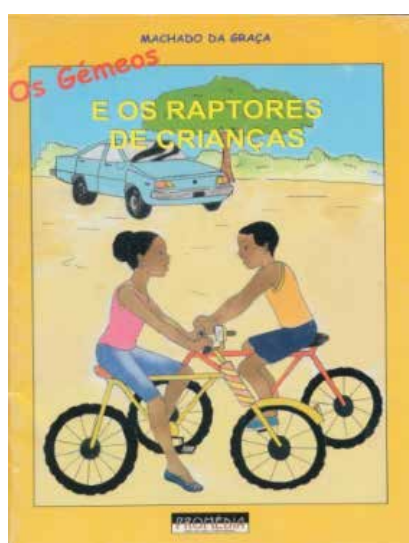
18 “Entrevista com Pedro Pereira Lopes”, por Eliane Debus (2018, p. 188), na Revista *Mulemba*, | Volume 10 | Número 18 | p.185-189 | Rio de Janeiro: UFRJ, jan.-jun. 2018 (p. 188), disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/issue/download/1026/721> Acesso em: 05/01/ 2021.

não serem a tônica central das narrativas. A linguagem verbal não ressalta os traços diacríticos das personagens, exaltando-se a beleza dos cabelos, a cor da tez, enfim, os fenótipos negros. Mesmo assim, as narrativas não deixam de ilustrar tais traços.

Para Coello (2018, p. 21), cujos estudos focalizam as produções angolanas destinadas às crianças e aos jovens, tanto aquelas como as obras moçambicanas na fase da pós-independência, nos fazem viajar aos legados socioculturais ancestrais, às cosmovisões dos ‘antepassados’, suas “tradições, lendas, costumes, personagens, mitos” (COELLO, 2018, p. 9) e, incluiríamos, no recorte das moçambicanas, a zona urbana e as personagens que transitam entre ambos os espaços sociais, a exemplo dos protagonistas Isa e Zé, das séries do jornalista e escritor Machado da Graça, citado por Oliveira (2010, p. 236)<sup>19</sup>:

Em cada série do livro, Isa aparece com penteados variados. É ilustrada com birotos enfeitados (*Os gémeos e os traficantes*), com tranças tipo nagô (*Os gémeos e os ladrões de tesouro*), com um penteado tipo *black power* (*Os gémeos e os ladrões de gado*), com tranças raiz (*Os gémeos e a feiticeira*), com os cabelos soltos, trançados, enfeitados com miçangas nas pontas (*Os gémeos e os caçadores furtivos*). Compreendemos, com isso, que a coleção *Os gémeos*, através da protagonista Isa, expressa a riqueza dos diversos e belos penteados utilizados no cotidiano de grande parte das crianças e jovens moçambicanas. (OLIVEIRA, 2010, p. 236).

Em *Os gémeos e os raptores de crianças*, logo na capa, a protagonista está com os cabelos presos em forma de popa, atrás, e assim permanece em toda a trama. Também, todas as personagens ilustradas na narrativa, o que é comum na produção literária moçambicana, ou seja, o pertencimento étnico-racial das personagens é identificado através da ilustração.



**Figura 4:** Ilustração da capa da obra *Os gémeos e os raptores de crianças*

(Fonte: foto tirada pelas autoras deste artigo)

<sup>19</sup> Um dos importantes investidores nessa área que, infelizmente, já não está nesse plano existencial. Sobre as obras do autor, vejam-se: Oliveira (2010).

Nessa obra, por exemplo, se enfatizam os ‘caracteres’<sup>20</sup> comportamentais das personagens, ou seja, os traços diacríticos dos protagonistas não são evidenciados na linguagem verbal e sim através das ilustrações. Inclusive, todas as personagens, sejam as principais ou secundárias, delineadas individualmente ou em grupos, têm traços negros realçados por meio da tez, cabelos e demais aspectos físicos. As obras fazem jus à grande parcela da população do país que é massivamente constituída pelo segmento representado nas narrativas, o qual chega ao patamar dos 99% (noventa e nove por cento), com base no censo de 2007.<sup>21</sup>

Em outras mais recentes obras moçambicanas, detivemo-nos nas produções literárias de Calane da Silva, Cassamo Mussagy Moiane, Chozede Verly Avelino A. Catepe, Angelina Neves, Lourenço do Rosário, Machado da Graça, Marcelo Panguana, Pedro Miambo, Mário Martins, Mia Couto, Onestaldo Gonçalves, Rogério Manjate, Sérgio Viega, Tatiana Pinto e Ungulani Ba Ka Khosa (OLIVEIRA, 2010).<sup>22</sup>

De modo geral, perpassa as obras, salvo algumas diferenças, a valorização das tradições culturais das províncias, a inserção das crianças integradas ao mundo adulto, os ensinamentos, os valores morais das personagens. “Valores esses muito recorrentes na produção infantil/juvenil não só moçambicana como também angolana [...] A literatura, sob essa ótica, cumpre a finalidade educativa, ‘adultocêntrica’, em detrimento da cosmovisão dos destinatários” (OLIVEIRA, 2015).<sup>23</sup>

### **Diálogos e Diferenças: Protagonistas Negros Importam**

Rosilda Alves Bezerra e Carlos Alberto de Negreiro, assertivamente, pontuaram que: “Raramente se observa em algum livro didático a África como o berço da humanidade, com a imagem positiva de um continente onde as mais significantes civilizações se desenvolveram, como é o caso da civilização egípcia, por exemplo” (BEZERRA & NEGREIRO, 2020, p 184).

---

20 Ou seja, traços característicos, pensados a partir da releitura de Vladimir Propp (1984), conforme desenvolvemos e aprofundamos em estudos precedentes (OLIVEIRA, 2015).

21 Fonte: [http://www.ine.gov.mz/censos\\_dir/recenseamento\\_geral/estudos\\_analise/nacionalidades](http://www.ine.gov.mz/censos_dir/recenseamento_geral/estudos_analise/nacionalidades)  
Acesso 10 de janeiro de 2021.

22 Dentre os estudos precedentes, as variadas narrativas moçambicanas que delimitamos para fins de análise foram: 1) *O menino Octávio*, de Calisto Atanásio e Neves (2003); 2) *O cachorro perdido*, de Tellé Aguiar (2003); 3) *O feio e zangado HIV: a história de um vírus*, autoria de alunos de 13 a 15 anos (2006); 4) *Os gêmeos e os raptos de crianças*, de Machado da Graça (2007); 5) *Mbila e o coelho: uma história para todas as idades*, de Rogério Manjate (2007). Veja-se: Oliveira (2010).

23 Texto no prelo (OLIVEIRA, 2021): um pequeno resultado da pesquisa de pós-doutorado na área na UFMG (OLIVEIRA, 2015).

Esse ‘raramente’ se aplica às produções atuais editadas no Brasil. Contudo, após a sanção da Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003), que traz como marco central as políticas de inclusão social e econômica, além da ampliação da produção livresca das literaturas africanas e afro-brasileira, além das poucas editoras ‘étnicas’ existentes no Brasil, como as denomina a pesquisadora Daniela G. Nascimento (2019), em alusão à Mazza Edições e à Nadyala, dentre outras. Se observamos, atentamente, na atualidade, podemos perceber que o cenário mudou muito, a despeito dos retrocessos recentes, como aponta a referida pesquisadora em sua tese de doutorado.

Do impacto no mercado editorial, mais publicações e, nestas, outros protagonistas negros em papéis sociais diversos e não mais restritos aos estereótipos recorrentes (OLIVEIRA, 2003; 2010; SOUZA, 2005; JOVINO, 2006). Com isso, os legados das Áfricas advindos com a diáspora negra ganham, no Brasil, novos contornos, fazendo emergir memórias de princesas e reinos africanos, riquezas, faturas e lutas. A esses se mesclam mitos afro-brasileiros, arquétipos locais, florestas e, também, a alusão à cor da tez, aos cabelos crespos, aos nomes e a outras características.

Nós, leitores, nesses contornos, viajamos aos universos de “ [...] uma princesa do reino medieval de Gana,” *Nyame (O espelho dourado)*<sup>24</sup> que, guiada pelos ancestrais e seu amado, o destemido “guerreiro achanti mais valente de todo o oeste africano,” venceu “os kabakas, mercenários estrangeiros”, após árduas lutas. Para superar e vencer os mercenários, a ‘pele negra’ do amado guerreiro reluzia, e todos os perigos lançados em sua direção batiam e voltavam. Nada o atingia.

Guiado pelos ancestrais, “determinado em seus propósitos, apesar dos receios, o guerreiro deixou-se guiar pelos ensinamentos de seu ‘povo’ e pelas batidas do coração de sua amada” (LIMA, 2003). Esta, por sua vez, não ficou inerte à espera de ser salva; ao contrário, a protagonista rasurou as perspectivas dos contos de fadas. Ela agiu, se comunicou, se arriscou e, assim, favoreceu a vitória na luta contra os mercenários. Ou seja, as Áfricas representadas e ilustradas nessa narrativa possibilitam aos leitores outras viagens e contornos. É o que ocorre em *O espelho dourado*, de Heloísa Pires Lima (2003), por exemplo.

Outra África, que não aquela estigmatizada, é ilustrada nas páginas do livro *Entremeio sem babado* e se expressa nas palavras da protagonista Kizzy que busca compreender o seu nome. Nesse processo de identificação, há uma aceitação de sua origem, pois Kizzy:

descobriu que seu nome tinha um significado bonito: “aquela que fica, que não vai embora”. E também que esse nome era de origem africana, mesma origem de toda a sua família (SANTANA, 2007, p. 28 e 29).

---

24 Da autoria da escritora Heloísa Pires Lima (2003).



**Figura 5:** Ilustração de Kizzy, na obra *Entremeio sem babado*  
(Fonte: foto tirada pelas autoras deste artigo)

Enfim, África e diáspora, tênues fios ressignificados nas obras em foco, envolvendo a literatura do Brasil e de Moçambique. No entanto, uma questão crucial: até onde é possível identificar correlações? No Brasil, mesmo nos dias atuais, se reconhece a ‘proliferação’ da literatura infanto-juvenil, embora protagonistas negros sejam escassos, se comparados aos brancos (NASCIMENTO, 2019). Em Moçambique, por outro lado, escassa no mercado editorial é a produção literária destinada às crianças e aos jovens, e, nas poucas existentes, as personagens negras aparecem, em geral, nas ilustrações.

### **Das Linhagens d'África às Linguagens da Diáspora<sup>25</sup>**

A literatura é uma arte que pode ajudar a despertar a criança e a jovem que um dia fomos. Constitui-se, assim, como travessia não só a outras dimensões sociais, mas também, existenciais. Assim sendo, abre trilhas para que possamos fabular, recriar belezas, riquezas e redimensionar realidades através dos seres nela delineados, da voz do(a) narrador(a), quando encadeia as *ações*, sensações, os ‘conflitos’, enfim, os ‘objetos de desejos’ e/ou ‘temor’ dos seres ficcionais (OLIVEIRA, 2010).

Também, por via do ‘eu’ lírico, implicado no jogo de imagens, nas metáforas, são utilizados estes e outros recursos pelo poeta, ao enredar tramas e a arte poética. Nessas duas modalidades literárias (gêneros literários: a ficção e a poesia), o leitor encontra possibilidades de percorrer sua ‘casa interna’, vivenciar dilemas existenciais, sociais, e refazer o caminhar, conforme afirma o escritor Jonas Ribeiro (1999), ao aludir ao universo das histórias:

A literatura infanto-juvenil contemporânea de ambos os países que traz à cena o segmento negro, seja na diáspora, seja na África, não expressa um “eu” que reivindica a *negritude* outrora vilipendiada pelo racismo. Os *conflitos* dos protagonistas são de outra ordem, assim como os *objetos de desejo*. Mas nem por isso deixam de corroborar para a afirmação identitária negra, a qual não é colocada como um problema a ser superado pelos seres ficcionais (OLIVEIRA, 2021, grifos da autora, no prelo).

25 Entenda-se diáspora no viés dos Estudos Culturais (HALL, 2005).

Na literatura infanto-juvenil contemporânea por nós investigada, as personagens não vivenciam crises existenciais por terem fenótipos negros, tampouco se aproximam da apologia à mestiçagem. Ao contrário, observamos a admiração dos traços que remetem à ‘raiz’ africana, com vistas a valorizar o legado ancestral. Nas obras editadas no Brasil, sobretudo, resultam atos heroicos nas fabulações que nos remetem ao passado imperioso de um povo que não se deixou vencer, ou o presente de quem persiste sem sucumbir. Encontramos também orixás divinizados, em aventuras e desventuras nas teias da vida: a beleza, a riqueza, o poder de conquista, as lutas, fracassos e a força de tempos imemoriais. Exemplo disso é o livro *Ogum: o rei de muitas faces e outras histórias de Orixás*, de Chaib e Rodrigues (2000) que traz à cena espaços sociais africanos e suas cosmogonias. Nesses espaços, estão os orixás, a nação Keto, enredando-se no universo de reis e rainhas que atravessaram a fronteira da diáspora. Memória feita de lutas, amor, desavenças, acolhidas e coragem diante dos desafios. Trata-se de mitos afro-brasileiros e seus arquétipos (OLIVEIRA, 2014). De tais tramas emerge o Oiô: “um grande reino, situado ‘na África’, onde existia fartura de água, de alimentos e todos viviam alegres” (conto: *Oxalá, Xangô e Exu*, p. 26-29).

Em *Entremeio sem babado*, incluem-se personagens brancas na celebração familiar da avó de Kizzy (SANTANA, 2007, p. 27). É possível asseverar que tais obras expressam cenas do cotidiano brasileiro e do africano, principalmente, a exemplo de Moçambique. Diante disso, reiteramos uma consideração de Evaristo (2007, p. 6) que, referindo-se à importância dos textos afro-brasileiros, salienta: “[...] um olhar valorativo sobre a cultura e o corpo negro imprime aos textos [...] um discurso específico que fratura o sistema literário nacional em conjunto.”

A ‘fratura’ consiste na inserção de temas, ideias e subjetividades preteridas pela chamada literatura canônica e/ou impressa em seu *corpus* textual tendenciosamente desqualificado ou omitido, de modo a primar e hierarquizar tendências marcadamente eurocêntricas em detrimento das demais, a exemplo da ascendência africana.<sup>26</sup> Essa é a tônica das nossas produções no Brasil, desde a era colonial. Para melhor identificar a ‘fratura’, faz-se necessário focar algumas constatações de Antonio Cândido (2002), ao abordar o papel da literatura na sociedade, atentando-se para a influência do viés eurocêntrico. E, para ficcionalizar suas raízes, voltaram-se ao “passado remoto para reinventar África e tradições” (EVARISTO, 2007, p. 19),<sup>27</sup> além de recriar o presente, valorizando o passado como raízes ancestrais.

As obras em questão não trazem à tona problemas concernentes às relações étnico-raciais, a exemplo do racismo, da rejeição pelos fenótipos negros e/ou da assunção da ‘negritude’ e,

26 E, obviamente, a indígena que, inclusive, teve seu apogeu na era romântica, mas ainda sob uma ótica europeia, embranquecida.

27 Evaristo (2007, p. 19).



nem por isso, deixam a desejar no tocante à ressignificação da história e cultura africana e afro-brasileira, pois, afinal, delineiam seres ficcionais não mais pautados em perspectivas eurocêntricas. Com isso, corroboram e ampliam o leque de temáticas impressas no *corpus* literário, possibilitando que os leitores não só se projetem nos espaços sociais pouco abordados — tanto em Moçambique quanto no Brasil, por exemplo —, como, também, sugerem modos de ser e viver distintos. São histórias que exprimem os dilemas de crianças e jovens brasileiros ou africanos, imersas em espaços sociais comandados pelo mundo adulto.

Observamos que as personagens das obras editadas no Brasil e em Moçambique são ilustradas com a cor da tez negra e cabelos crespos, sem serem reduzidos a caricaturas. Há tematizações, 'ações e espaços sociais' diversificados, contendo protagonistas, sobretudo, ativos que expressam, compartilham aflições, desejos, por meio da própria voz ou através do narrador. São, assim, humanizados, e não excluídos das condições básicas para viver em sociedade e/ou no ambiente familiar.

Como seres humanizados, já que 'sujeitos de ações', são fundamentais para o desenrolar da trama. Um dos traços marcantes disso é a afetividade nas relações familiares. Vale ressaltar que o modelo de família não se restringe ao padrão patriarcal. Então, nas histórias, nem sempre o pai se faz presente e isso não implica a reconfiguração da orfandade. Ao que parece é o papel da mãe que se procura destacar, sem prejuízo à figura do pai, necessariamente.

Em *O menino Octávio*, a mãe é a única companhia do personagem, pois o pai e demais familiares foram mortos devido à guerra. Trata-se, no caso, da obra que traz à cena a questão da orfandade. Não há, mesmo assim, a associação: orfandade/marginalidade, conforme recorrente em obras brasileiras, principalmente publicadas nos anos 1980 (OLIVEIRA, 2003).

### **Considerações Pontuais: Ah Final**

Da viagem empreendida até novas travessias por surgir. Dessas indagações pontuais, fomenta-se em novos diálogos um porvir. A partir dessas ideias aqui 'entre-laçadas', destinadas às crianças e aos jovens das terras diaspóricas (África-Brasil), novos saberes tecem conhecimentos, enquanto obras literárias ainda seguem preteridas em nossas instituições acadêmicas.

Antenadas a tudo isso, algumas estudiosas reconhecem a mudança no mercado editorial, incluindo temas anteriormente preteridos e, também, incentivando a inserção de mais personagens negras nos espaços literários, destacando-se, por exemplo: os penteados afros, as religiosidades de matrizes africanas, os espaços sociais africanos, as lideranças negras e as situações de discriminação racial. Em meio à saga de novas publicações, faz-se necessário ampliar o olhar da dúvida perante o que está sendo lançado, aguçando mais o senso crítico não

apenas nas (re)leituras de livros pertencentes ao cânone literário, mas também na indicação de novos títulos em sala de aula. E para não reforçarmos o risco do que se tenta evitar, ao longo da história da literatura, os recorrentes estereótipos negativos cristalizados sobre as culturas afro-brasileira e africanas delineadas por meio de seres ficcionais no campo da literatura e nas demais áreas do conhecimento humano, resta-nos analisar atentamente, na ordem do discurso narrado, de onde se está falando e em que tempo histórico.

Priorizar a criança como personagem principal em uma produção literária é possibilitar, aos destinatários e a nós adultos, a vivência dos dilemas e desejos de tais seres ficcionais, por meio da arte de tecer a trama e trazer à tona um mundo distante da nossa realidade, posto que, ao ultrapassarmos aquela fase inicial da vida, estamos envoltos em outras cosmovisões e saberes. É certo que podemos vivenciar, no universo da ficção, subjetividades postergadas, desconhecidas, silenciadas e, por isso, dignas de nossa imersão e estudos.

Os protagonistas negros, nas obras publicadas no Brasil e em Moçambique, são em geral humanizados e perpassados por laços familiares afetivos. As relações, salientamos, não são idealizadas, preterindo-se a ideia de filhos passivos e obedientes às determinações do adulto. Se uns não questionam as tradições e/ou os pais, outros driblam e nem sempre cumprem o que lhes foi designado.

A viagem às Áfricas, através de obras selecionadas de literatura infanto-juvenil, também é campo de estudos de Eliane Debus (2019)<sup>28</sup>, que se detém sobre produções mais recentes de Moçambique. Em um texto na área em questão, focalizando-se a obra do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes, Debus (*op. cit.*) identifica diálogos com a tradição e, em outras palavras, a ressignificação das Áfricas na tessitura literária contemporânea. Caberiam, portanto, aprendizagens nessa seara, com vistas a reaproximar as Áfricas e a sua diáspora.

Na direção daquelas levezas delineadas por Ítalo Calvino e reverberadas por Carmen Tindó Secco (2007, p. 7), as literaturas africanas, em seus estudos, abriram caminhos para outros percursos nos estudos literários. Contudo, cabe ressaltar, jamais imagináramos que o medo suplantaria a esperança nesse ‘novo milênio’, o que antecipou a citada pesquisadora anos atrás, com um olhar quase visionário. Afinal, este milênio que já não é tão novo, infelizmente, tem sido marcado por extremismos, adoecimento emocional e físico de grande parcela da população mais pobre, além de impactar a população com tensões adversas e um vírus que assola as ambiências mais pobres do país.

Contudo, pensemos com Amílcar Cabral (1976, p. 19) que, em contextos de outras décadas atrás, diante das lutas pela reconstituição de uma sociedade mais justa, orientava e instigava

---

28 Texto publicado na versão *on line* na *Revista Cátedra Digital*, disponível no *site* da revista em: <https://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/para-alem-de-tres-continentes-literatura-para-infancia-do-escriptor-mocambicano-pedro-pereira-lobes>. Acesso em 12/dez/2020.

os camaradas a não se deixarem abater diante das adversidades: “[...] em todas as lutas, não há só vitórias. Se houver só vitórias, não há luta nenhuma.” Do lado de cá, nós, filhas e filhos das Áfricas, em combate nos encontramos desgovernados por um sistema perverso, opressor, neofascista e no enfrentamento de um vírus letal, a exemplo do Sars Cov-2, que causa a doença letal Covid-19 e suas variantes transmissíveis que também atingem a África e o mundo.

Ao contrário das histórias aqui enfocadas, as personagens nos levam aos universos de sonhos, lutas e conquistas. Através das narrativas, as Áfricas e a sua diáspora podem se reencontrar e nós, leitores, independente da faixa etária, temos a oportunidade de viajar e voltar aos capítulos de outras lutas. Nessas, os embates são contra o sistema opressor e seus séquitos aterrorizantes. Lado de cá (e de lá?), crianças, jovens adultos e idosos esmaecem de maneira vil e desumanizada. Infelizmente, é o Brasil que aí está e que o mundo repudia. Também nós, neste momento.

Diferente das histórias em questão, aqui não há início alegre, não existe final feliz, o que persiste é a luta sem fim entre dificuldades e desespero. O que reexiste é a poesia do presente em direção ao futuro, como diz uma canção de Chico César e Bráulio Bessa<sup>29</sup>, ao dar nome aos números: “Se números frios não tocam a gente, espero que nomes consigam tocar.” Nessas palavras, pousamos as nossas, em direção a todos os nomes anônimos que muito importam: *Ogum iê! Kabiessilê!*

## Referências

ABRAMOVICH, Fany Literatura infantil: gostosuras e bobices. *In*: ABRAMOVICH, Fanny. **Pensamento e ação no magistério**: Fundamentos para o magistério Volume 7 de Série: São Paulo: Scipione, 1990.

ATANÁSIO, Calisto; NEVES, Angelina; CIRÍACO, H (adaptação). **O menino Octávio**. Moçambique: Ndjira, 2003.

BARBIERI, Renato (direção). **Atlântico negro — na rota dos escravos. Documentário de 54 min. Projeto e roteiro de Renato Barbieri e Victor Leonardi**. Brasília: Ministério da Cultura; GDF-SCE; Pólo de Cinema e Vídeo do DF; Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília, 1998. (O documentário foi reapresentado no 53º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, 2020)

BEZERRA, Rosilda Alves e NEGREIRO, Carlos Alberto de. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: as leis 10.639/03 e 11.645/2008 e suas representatividades identitárias na educação básica.

---

29 O documentário se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Z0OaldEaAo> Acesso em 05 de abril de 2021.

*In.* OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus e SANTIAGO, Ana Rita (Oog.). **Literaturas afro-brasileiras e africanas: produção, ensino e possibilidades.** São Paulo: Mercado de Letras, 2021 (prelo).

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: Ministério da Educação. SECAD/SEPPPIR/INEP, 2004.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas.** Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Subsecretaria de políticas de Ações afirmativas. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional. Lei 9394/96.** Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei Federal 10.639/03.** Brasília: MEC, 2003.

BROOKSHAW, David. **Raça & cor na literatura brasileira.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CABRAL Amílcar. **Mestres do Mundo.** [Trabalho final do Seminário Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva] **Amílcar Cabral: o que foi e o que dele faremos.** Coimbra: CES, 1976. Disponível em: [https://alice.ces.uc.pt/en/wpcontent/uploads/2014/03/Mestres\\_do\\_Mundo\\_Amilcar\\_Cabral2.pdf](https://alice.ces.uc.pt/en/wpcontent/uploads/2014/03/Mestres_do_Mundo_Amilcar_Cabral2.pdf) Acesso: 02/04/2021.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In:* CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção.** São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002, p.77-120.

CARVALHO, Ruy Duarte de. “Talvez porque na vida é como uma viagem”. Texto lido no 53º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro em dezembro de 2020. Originalmente, esse foi apresentado em Póvoa do Varzim, Portugal, em fevereiro de 2001, e publicado em: CARVALHO, Ruy Duarte de. **a câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras.** Lisboa: Cotovia, 2008, p. 121-122.

COELLO, Rebeca Carballo. **Literatura infantil angolana e construção nacional no século XXI.** Universidade de Santiago de Compostela. Faculdade de Filologia, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria , análise , didática.** São Paulo: Atica. 1993.

COUTO, Mia. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEBUS, Eliane. Entrevista com Pedro Pereira Lopes. *In:* **Mulemba.** Rio de Janeiro: UFRJ, Volume 10, Número 18, p.185-189, jan.-jun. 2018.

DEBUS, Eliane. Para além de três continentes: a literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes. *In: Revista Cátedra Digital*. |Vol.4| Tema: Lusofonia na Literatura Infantil e Juvenil, 2019.

DURBAN, A Conferência de Durban contra o Racismo e a responsabilidade de todos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, 45(2): p.198-223, December 2002.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

GRAÇA, Machado. **Os gêmeos e os raptos de crianças**. Moçambique, Promédia/Associação Progresso, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil, *In: SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). Literatura afro-brasileira*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p.179-217.

KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. São Paulo: Mercado Aberto, 1990.

LIMA, Heloisa P. **O espelho dourado**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

LIMA, Maria Nazaré Mota de; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos e relações étnico-raciais: perspectivas de descolonização na formação de professoras. *In: PEREIRA, Áurea da Silva; CRUZ, Maria de Fátima Berenice da; PAES, Maria Neuma Mascarenhas (Org). Letramentos, identidades e formação de educadores: imagens teórico-metodológicas de pesquisa sobre práticas de letramentos*. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p.27-44.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

NASCIMENTO, Daniela G.. **O Terceiro Espaço: confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro-orientais (Tese de Doutorado), 2019.

NEVES; Angelina Neves; CIRÍACO, Hermenegildo. **Literatura Infanto-juvenil brasileira e moçambicana contemporânea: problemas e perspectivas**. Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), 2003.

OLIVEIRA, M. Anória de J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Dissertação (Mestrado em Educação) defendida em 2001. Salvador: Departamento de Educação da UNEB, 2003.

OLIVEIRA, M. Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007)**: entrelaçadas vozes tecendo negritudes. João Pessoa: [s.n.], Tese de Doutorado, 2010.

OLIVEIRA, M. Anória de Jesus. **Áfricas e diásporas na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique**. Salvador: EDUNEB, 2014.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Arquivos literários infantis/juvenis afro-brasileiros, africanos (angolanos e moçambicanos) e afirmação identitária negra**. Relatório de pós-doutorado em Literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2015, mimeo.

PADILHA, Tânia Mara de Almeida. **Entre o semear e a próxima colheita**: uma análise dos escritos de Lenin sobre a questão agrário-camponesa. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Marília: UNESP, 2009.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus e BRITO, Maria Conceição Evaristo. A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagem negros. In: **Cadernos PENESB**. Periódicos do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. FEUFF, n.7, nov/2006, Rio de Janeiro/Niterói, Quartet/EdUFF, 2006. pp.141-170.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1984.

REIS, Vilma. Das alianças entre malungos, de Gorée a Salvador, resistimos, em: LIMA, Maria Nazare Mota de. (Org). **Escola plural, a diversidade está na sala de aula**: formação de professoras em história e cultura afro-brasileira e africana. São Paulo: Cortez, 2005 (p. 1005-1118).

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos dourados**: arte de ouvir histórias para depois contá-las. São Paulo: Ave Maria, 1999.

ROSEMBERG, Fulvia; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, T. A. Van (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 73-117.

SANTANA, Patrícia. **Entremeio sem babado**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

SANTOS, Artur Carlos Mauricio Pestana dos (Pepetela). **As aventuras de Ngunga**. Cabinda, Angola: Frente Leste, 1973, v.3 (mimeog.).

SANTOS, Antônio Cândido Souza. **Literatura e sociedade**. 9.ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

SANTOS, Boaventura. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHMIDT, Aline Van Der. **Entre leões, coelhos, tranças e guerras: dilemas contemporâneos na literatura infantil angolana de Ondjaki**. [Dissertação de Mestrado]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2013, 181 f.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. A alquimia do verbo e a reinvenção do sagrado. *In*: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência. **Boaventura Cardoso: a escrita em processo**. São Paulo: Alameda, 2005.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Entre fábulas e alegorias**. Ensaios sobre literatura infantil de Angola e Moçambique. Rio de Janeiro: Ed. Quartet, 2007.

SOUSA, Andréia Lisboa de. A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira. *In*: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília, MEC/SECAD, 2005, pp.105-120.

SOUSA, Andréia Lisboa de. Personagens Negros na Literatura Infantil e Juvenil. *In*: CAVALLEIRO (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VENÂNCIO Ana Carolina Lopes. **Literatura infanto-juvenil e diversidade**. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. Oxalá, Xangô e Exu. *In*: **Lendas africanas dos orixás**. p. 26-29.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.